

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 108

04 de junho de 2011

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

O plano aqui era continuar com os comentários de Platão. Mas acontece que, durante a semana, eu tive uma série de conversas com o Silvio Grimaldo, que é um dos nossos representantes no Brasil, e ele me descreveu um problema que ele reparou nos nossos alunos, que me induz então a voltar a um tópico das primeiras aulas deste curso, de modo a reforçar o sentido do que nós estamos fazendo aqui. E reforçá-lo de tal modo que isso se imponha a cada um de vocês como espírito de missão, de sentido de vida de uma vez para sempre. Eu queria enfatizar que a responsabilidade dos alunos deste curso é uma coisa enorme, muito maior do que vocês podem imaginar. Essa responsabilidade aparece em função de um estado de coisas que não fomos nós que criamos mas que nos afeta, e de cujas conseqüências nós não estamos livres de maneira alguma.

O que eu estava conversando com o Silvio é o seguinte: logo no início eu disse que o passo mais básico na vida intelectual é ler tudo o que você puder da melhor literatura da sua própria língua. E o Silvio estava me dizendo que passou um tempo e a maioria dos alunos ainda não começou a absorver este legado literário da língua portuguesa. Encontram uma dificuldade para fazer, colocando mil problemas: “Mas por onde eu começo?”, “eu já tentei, mas não consigo”. Em suma, existe um bloqueio. De onde vem este bloqueio? Este bloqueio não é culpa de vocês, não é preguiça, não é má vontade, não é nada disso. Existe um hiato, um abismo entre os habitantes do Brasil e a literatura de língua portuguesa. Esse abismo veio se ampliando ao longo de quase 50 anos, e nós chegamos a uma situação que nunca se observou em país algum.

A absorção da literatura não é questão apenas de iniciativa individual — o indivíduo sozinho que vai pegar um livro, começar a ler e entender —, isto realmente não é assim. A literatura se elabora a partir de uma língua que é a língua comum que todo mundo fala, de modo que, se não existe uma continuidade natural entre a fala cotidiana, as conversações domésticas, o som que você está acostumado a ouvir desde pequeno, e a grande literatura, você simplesmente não chega lá. Quer dizer, você começa a ler e sente que aquilo não é o seu mundo.

Eu observo através das mensagens que recebo, acompanhando às vezes discussões no *Orkut* e até em cartas que são enviadas a mim, que a maior parte dos nossos alunos, apesar da boa vontade e de todos os esforços para adquirir alta cultura, ainda escreve muitíssimo mal, às vezes horrendamente mal. E isso não é só entre vocês. Se nós observarmos, por exemplo, as publicações “culturais” que têm surgido, como a revista *Dicta & Contradicta*, dificilmente encontramos um sujeito que saiba escrever — e aquelas são pessoas que têm pretensões de carreira literária e, às vezes, são até professores de literatura.

O que está acontecendo com a língua portuguesa no Brasil é um fenômeno até difícil de explicar, porque para explicá-lo nós temos de usar a própria língua portuguesa e temos de sugerir uma reflexão sobre ela, mas esta reflexão terá de ser feita na própria língua portuguesa. Então às vezes faltam até os instrumentos elementares para comunicar as coisas.

Só para dar-lhes um ponto de comparação: o pessoal aqui nos EUA, e na Inglaterra também, foi educado ouvindo as suas mães recitarem o que eles chamam *nursery rhymes*, que seriam como que rimas de berçário. Há uma tradição de três ou quatro séculos dessas rimas, que todo mundo conhece e que, embora sejam simples, para crianças, são de altíssima qualidade. E quando as pessoas entram na escola, elas começam a ler clássicos já desde o início. Por exemplo, quando os meus filhos Pedro e Leilah começaram a estudar aqui, eles de cara já receberam Shakespeare para ler, imediatamente. E no curso de um ano nos EUA leram mais do que tinham lido durante toda a sua vida no Brasil. Quando lemos o jornalismo americano, encontramos ali centenas e centenas de escritores da mais alta qualidade, com um vocabulário imenso e riquíssimo, e com uma expressividade fantástica. Isso tudo já está no ambiente social e as pessoas absorvem isso passivamente, sem esforço algum.

Sem essa etapa inicial da absorção passiva do legado literário ninguém pode dar o primeiro passo. Isto quer dizer que para começar a absorver uma tradição literária é preciso que a tradição exista em primeiro lugar e que ela esteja viva de algum modo — que esteja embutida na fala cotidiana, no jornalismo etc. Por exemplo, os artigos dos comentaristas de imprensa daqui estão cheios de alusões literárias. Não são citações, são alusões; quer dizer, são frases célebres ou versos que o sujeito coloca embutido nas frases dele, sem menção de autor. Não é uma citação; é algo que está dissolvido no meio do artigo, que todo mundo reconhece e que, portanto, sabe apreciar o peso e o valor daquela alusão que é usada para enriquecer o que o autor quer dizer. Então mesmo que você não tenha nenhum interesse literário pessoal e mesmo que não tenha lido nenhum grande livro da literatura, você está num meio onde esse legado chega a você, e você se beneficia dele por mera absorção passiva. Sem a absorção passiva a leitura se torna muitíssimo difícil.

Este ambiente carregado de alusões, que é moldado em grande parte pela tradição literária, desapareceu do Brasil nos últimos 50 anos. Quer dizer, qualquer alusão literária que o sujeito faça, ninguém sabe do que ele está falando. Eu testei muitas vezes isso. Por exemplo, o último parágrafo do prefácio de *O Imbecil Coletivo* é todo feito de alusões. Eu misturei ali várias frases célebres de obras da literatura brasileira e portuguesa e ninguém reconhecia, ninguém sabia do que eu estava falando; acharam que eu estava escrevendo daquele jeito. Se você faz uma alusão, aquilo que você está dizendo, além do significado imediato do que você está transmitindo, adquire uma ressonância; quer dizer, aquilo se insere dentro da história. Então você está articulando de algum modo a situação presente da qual você fala com algum precedente histórico ilustre, por assim dizer.

Eis um exemplo de uma coisa que me impressionou muito. No livro *O Imbecil Coletivo* — que fala de uma fase na qual as coisas não estavam tão ruins quanto agora —, há um capítulo chamado “Galo de Bigodes”, no qual eu comento um livro do Fernando Jorge sobre o Paulo Francis. O Fernando Jorge é escritor, tem alguma prática, mas eu notei que ele não sabia distinguir entre uma alusão e um plágio. Ele raciocinava assim: toda vez que você diz “ser ou não ser, eis a questão”, você tem de colocar a nota de rodapé dizendo Shakespeare, *Hamlet*, edição tal etc., senão vira plágio. E eu falei: mas [00:10] é incrível, é um sujeito que (...)

[interrupção da aula]

O Fernando Jorge era um sujeito que tinha pretensões literárias; eu não sei se ele era candidato ou membro da Academia Paulista de Letras. Então eu me perguntei: “O que está acontecendo? Como é que um escritor profissional já não sabe mais a diferença? Ele já não sabe mais o que é uma alusão, como é possível?” A partir daí as coisas foram só piorando, de modo que o abismo entre o

pensamento pessoal — a sua fala pessoal e, sobretudo, a fala interior — e o legado literário foi se tornando (...)

[interrupção da aula]

Isso quer dizer que o estudante do nosso curso se vê obrigado a “caminhar no ar”: ele não tem um terreno, um fundo de cultura comum a partir do qual pode lançar uma ponte pessoal, uma tradição literária, e começar a incorporá-la como um legado pessoal dele. Então tudo fica enormemente difícil. A própria leitura que nós fizemos de textos filosóficos sairá lesada por isso, porque se não pegamos o valor propriamente literário dos textos, não pegamos nada deles. Mesmo que os textos estejam escritos numa linguagem puramente técnica e filosófica, não podemos esquecer que o próprio discurso dialético, que é o usual na filosofia, se assenta num fundo retórico de discussões comuns, discussões públicas. E desligado desse fundo ele se torna apenas uma forma vazia como se fosse um raciocínio matemático, sem conteúdo; com uma estrutura lógica, mas sem a riqueza de conteúdo que aquilo tinha para os seus autores e leitores originais.

Mesmo ao ler um autor como Santo Tomás de Aquino — que aparentemente é o menos literário dos escritores, pois é o mais técnico, usando todo um vocabulário profissional para um público profissional com o qual ele está falando —, se você não perceber o peso literário da obra e a força da linguagem, você realmente não o estará entendendo. Você estará entendendo apenas o esquema, mas não as coisas das quais ele está falando. Então esta ponte entre o escrito e o objeto é dada pela linguagem comum, pelos elementos literários que estão incorporados na cultura comum. Quer dizer, há uma série de evocações, recordações e sentimentos que estão ali embutidos, e que voltam automaticamente quando fazemos a leitura.

Como é que aconteceu isso? Como é que nós chegamos a esse estado de coisas? Vocês devem ter lido um artigo que eu escrevi sob o título de “Uma geração de predadores”. Eu acho que alguns aqui já leram, mas talvez a maioria dos alunos não tenha lido. Será que nós temos condição de imprimir este artigo para lê-lo agora e comentá-lo? Então nós vamos imprimi-lo e comentar. Nele eu estava explicando que quando nós observamos as discussões públicas no Brasil, sobretudo através dos jornais, mas também através de teses universitárias, de entrevistas etc., nós observamos que hoje em dia existe uma quase impossibilidade, no Brasil, de alguém tratar de qualquer assunto de uma maneira eficiente. E a maneira eficiente pressupõe, em primeiro lugar, que você seja capaz de distinguir no assunto o que é o essencial do que é o acessório.

[interrupção da aula]

Só para dar-lhes um exemplo — eu tenho insistido há vários anos nisto —, quando se começa a discussão sobre liberação de drogas, eu vejo que toda a discussão toma sempre um teor abstrato. As pessoas raciocinam em termos morais e jurídicos: “é lícito o governo controlar o que as pessoas consomem ou não é?” Ou então vão para o lado estatístico: “tem tantas pessoas que já estão consumindo drogas, a coisa já se incorporou no uso comum, então já não faz mais sentido o governo tentar controlar”. Em nenhum instante, nunca, eu vejo alguém lembrar o aspecto concreto da coisa: quem vende as drogas? Então o pessoal começa a discutir o problema de drogas como se nós estivéssemos não num país e num lugar determinado concreto, mas como se estivéssemos num mundo genérico — seria como se a mesma discussão se travasse na Holanda, na Inglaterra, na China. Fica um pretensão universalismo abstrato que leva em conta todos os aspectos convencionais da coisa, mas não levanta a questão de quem vende drogas naquele lugar. E é só levantando essa questão que entendemos o que está acontecendo.

Nós sabemos que as Farc que têm praticamente o monopólio da produção, da distribuição, dos pontos de venda, da coleta de dinheiro, de tudo; eles controlam tudo. Portanto, se o comércio de

drogas for liberado, independente do que você pense a respeito de controle estatal — os liberais levantam esta questão de que reprimir as drogas é mais uma forma de intervencionismo estatal, e eles portanto são contra isso —, o fato é que imediatamente passará a existir o monopólio legal desse comércio, que já está nas mãos de uma organização que controla tudo.

Ninguém poderá concorrer com as Farc. E se tentar concorrer as Farc vão matá-lo. As Farc são uma organização criminosa que já matou trinta mil pessoas, que seqüestrou várias outras, e que eu acho que tem dez mil prisioneiros. É uma organização que ainda está aterrorizando muita gente. Por exemplo, em Bogotá encontramos pessoas na rua mendigando porque foram expulsas de suas terras pelas Farc; pessoas que não têm onde ficar, que perderam tudo e que ficam ali mendigando na rua. Liberar as drogas é entregar a esta organização criminosa o monopólio do comércio legal de um produto do qual eles já têm o controle total e, automaticamente, entregar os meios de essa organização se transformar num partido político legal e alcançar o poder em dois anos — porque nenhum partido político tem tanto dinheiro assim para concorrer com eles. Então esse será o resultado imediato e incontornável da liberalização de drogas.

É evidente que discutir a questão das drogas [00:20] sem levar isso em conta é tomar uma decisão sem atentar o mais mínimo que seja para as conseqüências imediatas do que você vai fazer. A campanha para a liberalização das drogas é uma campanha das Farc, feita pelo Foro de São Paulo para obter o poder da maneira mais fácil e rápida. Essa é uma análise que eu faço, e é uma análise suficiente óbvia, não vejo como alguém possa contestar isso.

Duvido que apareça alguém dizendo que se liberarem as drogas ele entrará no mercado, irá comercializar drogas e superará as Farc. Ninguém diz isso. E esse é só um exemplo. Em praticamente todas as discussões públicas nós vemos essa tendência abstratista.

De onde vem a tendência abstratista? Ora, o seu raciocínio fica limitado ao aspecto abstrato e genérico quando você não conhece os fatos concretos, então você raciocina apenas em tese; você apela para conceitos formais da moral, do direito etc. porque não tem os fatos para analisar, então analisa simplesmente em tese. No Brasil, praticamente tudo hoje em dia só se discute assim. Mas a discussão em tese é característica da discussão ginásiana. Quando você está ensinando aos seus alunos de ginásio a debater, eles só debatem idéias gerais, porque eles não têm a experiência da vida e não têm conhecimento dos fatos, mas têm capacidade de raciocinar. Então exercem apenas aquele raciocínio formal, e até se adestram nele, porque não têm a condição de discutir a situação concreta. O esquema formal, quer você conheça os fatos ou não, é mais ou menos o mesmo, a razão é a mesma em todos os seres humanos. Este exercício da razão abstrata é próprio do aprendizado ginásiano das coisas e esse modo de discussão se tornou o normal e o habitual em toda mídia brasileira. Isso é uma coisa gravíssima porque estão lidando com problemas sérios, que afetam a vida de milhões de pessoas, e estão todos discutindo abstratamente como se fossem alunos de ginásio se adestrando na lógica. Então isso é um dos sinais de que a coisa está muito mal.

Se você compara uma discussão pública no Brasil com uma nos EUA, neste você observa que quem quer que escreva sobre o que quer que seja conta com o conhecimento que os seus leitores têm dos mesmos fatos. E o horizonte de fatos a que eles aludem é enorme. Há uma atmosfera comum onde milhões de pessoas têm acesso às mesmas informações e cada uma sabe do que as outras estão falando, então não é preciso explicar tudo. O apelo aos fatos é muito mais intenso do que a argumentação propriamente lógica. Não é preciso argumentar tanto logicamente porque há os fatos, e os fatos são premissas de conclusões que você obtém sem precisar fazer toda a cadeia do raciocínio; você faz apenas um entimema: um raciocínio com premissa oculta, isto é, com a premissa não mencionada. E na maior parte dos casos não precisa mencionar porque as pessoas têm as premissas.

Daí nós podemos perguntar: como a coisa chegou a este ponto? Mas antes eu vou ler para vocês o artigo porque ele não foi publicado ainda e ele será a base da explicação seguinte. O artigo já está no meu site, então eu acho que eu não preciso ler por agora. Bom, vocês estão entendendo mais ou menos a descrição da situação.

Neste artigo eu explico que tudo isso aconteceu por causa de uma geração de intelectuais que foi lançado na praça, nos anos 60, pelas universidades, e que eram uns intelectuais diferentes do que havia antes. Eles eram marcados (...). Eu vou ler um pedaço aqui:

“Se me perguntam a causa desses oito vexames colossais, digo que é a coisa mais óbvia do mundo: quarenta anos atrás, as instituições que se gabam de ser as maiores universidades brasileiras lançaram na praça uma geração de pseudo-intelectuais morbidamente presunçosos, que na juventude já se pavoneavam de ser "a parcela mais esclarecida da população".

Hoje essas mentes iluminadas dominam tudo — sistema educacional, partidos políticos, burocracia estatal, o diabo —, moldando o País à sua imagem e semelhança. Matança, dívidas, emburrecimento geral, debacle do ensino, é tudo mérito de um reduzido grupo de cérebros de péssima qualidade intoxicados de idéias bestas e vaidade infernal. Dentre todas as gerações de intelectuais brasileiros, a pior, a mais predatória, a mais destrutiva.

Se querem saber agora por que os temas fundamentais não podem ser enxergados e discutidos na sua essência, por que as atenções são sempre desviadas para detalhes laterais e por que, em suma, nenhum problema neste país tem solução, a resposta também não é difícil: quem molda os debates públicos, por definição, é a elite dominante, e esta não permite que nada seja discutido exceto nos moldes do seu vocabulário, dos seus interesses, da sua agenda, da sua irresponsabilidade psicótica, da sua ambição megalômana, da sua autoadoração abjeta.

Enquanto vocês não perderem o respeito por essa gente, nada de sério se poderá discutir no Brasil.”

Mas esta geração foi lançada nas universidades nos anos 60, e de onde ela saiu? Naturalmente houve professores que a moldaram; foram professores que chegaram para os alunos e disseram: “vocês são a parcela mais esclarecida da população, vocês têm de mudar o destino deste país, vocês têm de fazer isso, vocês têm de fazer aquilo”. E quem eram esses professores e o que os caracterizava? Aproveitando a presença do Silvio Grimaldo, nós fizemos uma lista das dez piores influências intelectuais que marcaram essa época. Estas influências então não são dos anos 60, são anteriores, são os camaradas que foram professores do Fernando Henrique, do José Serra, do Tarso Genro, de toda essa gente, que por sua vez foram professores do Fernando Haddad e assim por diante.

Esses dez professores — que não eram apenas dez, evidentemente, mas nós pegamos só a lista dos piores, entre os quais se destaca Florestan Fernandes, Paulo Freire, o Padre Lebet, Dom Hélder Câmara, Alceu Amoroso Lima etc. —, evidentemente eram todos camaradas de esquerda; isso aí nem precisa dizer, eles eram todos esquerdistas. Mas eles tinham uma diferença específica em relação aos esquerdistas anteriores. Se nós compararmos esses dez (depois eu dou a lista inteira) com os seus colegas, com os contemporâneos e com os seus antecessores esquerdistas, nós notaremos uma diferença fundamental. Os esquerdistas antigos (vamos chamá-los assim para distingui-los desses dez) eram indivíduos que tinham aderido à idéia de esquerda, mas conservado um senso de valores que transcendiam a esfera da luta ideológica.

Por exemplo, se nós observarmos a carreira do historiador Nelson Werneck Sodré, que era um general do Exército, veremos que ele tinha um enorme orgulho da sua carreira militar, quer dizer, da sua fidelidade ao Exército, da sua habilidade profissional e, como militar, tinha um fundo

patriótico cuja sinceridade ninguém poderia negar. Se nós observarmos a carreira de um escritor comunista como o Graciliano Ramos, nós veremos que ele tinha uma consciência literária que não violaria por nada deste mundo. Se o partido o mandasse escrever uma coisa que fosse contra os seus valores literários, ele não só rejeitaria como de fato rejeitou. Dentro do partido, ele vivia lutando para que os objetivos políticos práticos do [00:30] partido não esmagassem os valores literários que ele representava. Se observarmos até um escritor que não era tão bom como eles, como Jorge Amado, veremos que ele começa sendo escritor de partido, um mero propagandista, mas aos poucos percebe que isto não é literatura e desenvolve a sua consciência dos valores literários até acabar escrevendo no fim da vida algumas obras-primas como *Quincas Berro D'água*. Havia católicos de esquerda como, por exemplo, Álvaro Lins, mas ele jamais permitiria que o seu esquerdismo esmagasse ou corrompesse o seu sentimento religioso. E assim por diante.

Porém, de repente aparece uma geração de professores para os quais não há valor superior à militância esquerdista. São indivíduos que tudo sacrificam, ou porque não conhecem mesmo outros valores, pois são insensíveis a eles, ou porque, mesmo conhecendo-os, acabam sacrificando esses valores ao senso de solidariedade esquerdista. Um exemplo é o Alceu Amoroso Lima. Se nós observarmos a carreira do Alceu Amoroso Lima, vemos que ele é um homem de uma cultura monumental, gigantesca, e que passou a vida se dedicando ao catolicismo. Porém, quando vai chegando por volta dos anos 50-60, ele vai se aproximando cada vez mais de grupos de esquerda e vai se adaptando àquilo até o ponto que o discurso dele se centra na coisa da militância esquerdista, e isto passa a ser chave de tudo.

Quando você examina o caso do Paulo Freire — que dizem que é educador —, vemos que todo o conceito de educação dele consiste em adestrar as pessoas para que sejam militantes e nada mais. Quer dizer, não há o valor da linguagem, não há o valor do conhecimento, não há mais nada, tudo o que interessa é aderir à causa e colaborar com ela.

Então aquela geração personificada nesses dez foi o que moldou a cabeça da geração seguinte, que é essa que eu estou chamando de geração de predadores. Isso quer dizer que todos os valores desapareceram e voltaram a reaparecer depois remoldados à imagem e semelhança dos objetivos partidários. Portanto, a conquista do poder, o oportunismo partidário, se torna um valor em si e absorve todos os outros valores. É claro que, por um lado, isso reforça enormemente a autoconfiança dessas pessoas porque, pelo simples fato de serem de esquerda e estarem ou de colaborarem em tal ou qual partido, elas acham que já realizaram e já personificam no seu ser tudo o que existe de mais elevado no mundo, pois nada há de mais elevado do que os objetivos partidários. Isso quer dizer que o total oportunismo, o sacrifício de tudo às ambições partidárias, passa a ser a maior das virtudes ou a única virtude, na verdade.

Então se reproduz dentro de um país que não é comunista a ética exata que havia na URSS no tempo de Stálin, em que o partido é o juiz de todas as coisas. Que isso aconteça numa ditadura comunista é compreensível, porque ali a glória do partido já é declaradamente o único objetivo humano legítimo, o único critério ético no sentido da regra leninista: é bom tudo aquilo que contribui para a vitória do socialismo e é mau tudo o que o obstaculiza. Ou seja, a luta pelo socialismo não tem satisfações a prestar a nenhum outro valor moral, ético, jurídico, cultural, religioso, nada; tudo tem de servir àquilo. É claro que isso é uma corrupção completa do senso de moralidade, do senso da cultura e tal, mas que isso aconteça dentro de uma ditadura comunista é ainda historicamente compreensível.

Mas, de repente, vimos uma geração inteira de intelectuais praticando exatamente isso dentro de um país que não era socialista ainda. E graças à política de ocupação de espaços, eles conseguiram desalojar todos os seus concorrentes, fossem concorrentes direitistas, fossem concorrentes que representavam a antiga esquerda do Álvaro Lins, Carpeaux etc., e se tornaram os dominadores

absolutos do cenário cultural. Então eles não podem ser julgados por critério nenhum, porque o único critério é o deles mesmos. Todos os valores desaparecem e evidentemente a tradição cultural desaparece por completo porque eles não admitem ser julgados por ela, eles a remoldam conforme a sua conveniência prática mais oportunista, mais imediata. É claro que nessa altura a noção mesma de cultura brasileira desapareceu, a noção de tradição brasileira desapareceu completamente. E vocês, os mais jovens, são a terceira geração que foi criada dentro dessa atmosfera.

Eu lhes darei um exemplo. Vocês vêem que as entidades culturais no Brasil festejam muito até hoje o movimento modernista de 1922. Mas por que o fazem? Por que acham que esse movimento modernista realmente trouxe alguma contribuição, algum progresso literário, alguma coisa assim? Eles não podem achar isso porque é falso. Dos mentores, dos autores principais do movimento modernista pouco sobrou de real valor literário. Tem uma importância histórica por causa daquele momento.

Por exemplo, podemos comparar o movimento modernista de São Paulo, de 22, com o Modernismo nordestino de 26, que foi baseado em outros critérios completamente diferentes. O Modernismo paulista era essencialmente uma reação contra o parnasianismo que cultuava a perfeição da linguagem, um sentimento estético exacerbado etc., então eles acharam que tinham a obrigação de destruir a língua portuguesa, destruir todos os critérios estéticos, cultivar o que era disforme, o que era feio e demolir a língua, sobretudo. O Modernismo nordestino era baseado, em primeiro lugar, no regionalismo, no conhecimento profundo da sociedade regional, e na idéia de integrar esse regionalismo dentro de uma tradição literária.

Dos escritores que saíram do Modernismo de 26, praticamente todos ainda conservam um interesse enorme para os leitores. Você pode ler o José Lins do Rêgo hoje com enorme satisfação, ou Graciliano Ramos, ou o próprio Jorge Amado, ou ainda Jorge de Lima — são grandes escritores. Porém, do Modernismo de 22, eu pergunto: quem agüenta ler *Macunaíma* do começo até o fim? Quem agüenta ler os poemas do Mário de Andrade sem perceber que ele jamais foi um poeta, que aquilo é uma coisa feia, que ali há muito pedantismo mas nenhum sentido estético? Quanto ao Oswald de Andrade, a obra dele é uma coleção de piadas apenas; só que o Oswald tem o mérito de às vezes ser engraçado, mas na maior parte dos casos é pedante. Quem é o grande poeta do Modernismo? Os grandes poetas do Modernismo são Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, que não participaram do movimento modernista e que não têm nada a ver com ele. Então o que é a grande poesia moderna do Brasil? É exatamente Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, e deles sai toda uma linhagem de outros poetas.

Quando eles estavam fazendo o movimento de 22, o Manuel Bandeira estava internado num hospital na Suíça e o Carlos Drummond de Andrade tinha 5 anos de idade. Então o Drummond de Andrade entra na literatura já nos anos 30, e entra fazendo uma poesia de tipo modernista mas que não devia nada àquela inspiração do movimento de 22. Sendo que o movimento de 22 ainda teve o problema de excluir das atenções públicas escritores de altíssima qualidade, como Monteiro Lobato ou Coelho Neto. São escritores que você ainda lê com enorme satisfação. Comprei pela décima vez a coleção do Monteiro Lobato; a cada mudança minha eu perco uma coleção do Monteiro Lobato e compro de novo. [00:40] Não a literatura infantil; eu jamais li a literatura infantil do Monteiro Lobato e jamais li literatura infantil na minha vida.

O movimento modernista de 22 corta as relações culturais com Portugal, o que significa que todo o passado da língua se torna incompreensível para as gerações seguintes. É impressionante ver a diferença do que se passa aqui nos EUA e o que se passa no Brasil: aqui o pessoal lê Dickens nas escolas. Dickens é um romancista da segunda metade do século XIX com um vocabulário imenso. Eu tenho dificuldade de ler Dickens, mas o pessoal nas escolas lê, a molecada lê Dickens. E se pegarmos um autor português da mesma época e dar para as pessoas lerem, como Camilo Castelo

Branco ou Ramalho Ortigão, elas não conseguirão. Então houve a perda da tradição literária. E com a perda da tradição literária a língua entra num processo de mudança acelerada na qual o que acontece é exatamente o fenômeno entrópico: vão sendo criadas novas e novas modalidades de dizer que têm curta duração, que se tornam velhas com uma rapidez impressionante e em breve tempo se tornam incompreensíveis. Por exemplo, quando lançaram o jornal *O Pasquim* no Rio de Janeiro, aquilo era a fala popular do carioca. Tente ler *O Pasquim* hoje: já ficou tão velho, tão difícil de ler. Então quer dizer que o crime que os modernistas fizeram contra a literatura anterior, sobretudo contra a literatura portuguesa, acabou se voltando contra eles mesmos, porque é impossível ler hoje um Mario de Andrade, um Oswald de Andrade, sem perceber que é uma língua muito antiquada. É mais fácil ler Machado de Assis do que ler o Mário de Andrade, que tem a marca dos modismos da época que já foram embora, que você não conhece mais. Então, em suma, foi uma obra devastadora.

Porém, por que o movimento modernista continua sendo celebrado? Só porque tem um valor de revolução cultural, só porque tem um valor esquerdista embutido. Só por causa disto, não tem mais motivo nenhum para celebrá-lo. Ao passo que os escritores do movimento modernista do Recife tinham as orientações ideológicas mais diversas. Aliás, o de São Paulo também; mas acontece que só sobrou como imagem o que era esquerdismo, rebelião, espírito revolucionário, ao passo que no movimento modernista do Recife sobrou tudo. Isso quer dizer que o que eu chamo “a geração predatória” conseguiu destruir todo o senso de tradição cultural, conseguiu destruir a linguagem pública e conseguiu reduzir os debates públicos a cinco ou seis temas que são sempre discutidos da mesma maneira, de acordo com as mesmas claves, segundo os mesmos conceitos e, portanto, segundo uma pobreza mental quase psicastênica. É dentro desta atmosfera que vocês foram criados.

A decomposição da linguagem que vemos, por exemplo, no *Orkut*. Aquilo lá é uma enxurrada de modismo que em dois anos ninguém compreenderá mais. Quer dizer, a língua vai perdendo cada vez mais eficácia e as pessoas vão falando cada vez mais de maneiras totalmente subjetivas que correspondem ao seu bairro, ou à sua pessoa, ou algum arranjo louco de palavras que o sujeito fez na cabeça dele. E pior: o nosso governo pretende oficializar esse estado de coisas com a idéia do preconceito lingüístico, que é a idéia mais estúpida que eu já vi. O sujeito acha que ensinar a mesma gramática para todos não é democrático. Então, quer dizer, nós vamos agora fazer uma gramática estamental — cada classe social tem a sua gramática; há uma linguagem da Rocinha, outra linguagem das Laranjeiras, outra linguagem do Cosme Velho e assim por diante. O problema não é que tudo isto aconteça, o problema é que é só isto o que acontece.

Podemos dizer que toda a cultura brasileira anterior se tornou incompreensível e aquilo que continua sendo badalado, falado em público, é justamente o que é menos compreensível e o que não se integra de maneira alguma na tradição da língua — como, por exemplo, *Macunaíma* ou a obra inteira do João Guimarães Rosa. Se você quer uma sentença final sobre o João Guimarães Rosa, é o seguinte: ele não pertence à literatura de língua portuguesa, ele é um fenômeno esquisito e só. Não é a mesma coisa que fez James Joyce (algumas pessoas comparam os dois); a língua do James Joyce é muito menos pessoal do que irlandesa. E quando falamos Irlanda, ela é um país que tem uma cultura milenar e é isso tudo o que está no James Joyce. No entanto, a cultura daquela regiãozinha de Minas Gerais de onde vinha o João Guimarães Rosa, primeiro, nem existe mais, segundo, é espacialmente limitada; então o que adianta o sujeito escrever naquela língua? Ele não vai conseguir integrá-la na tradição da língua geral e ela vai ficar como uma espécie de monstruosidade que as pessoas lêem por pedantismo, e apenas por pedantismo.

Nem me falem do João Guimarães Rosa, pois ele está fora da cultura, ele é um fenômeno esquisito. Pode ser uma esquisitice até genial, mas é como o tal do Bispo do Rosário. Sabe aquelas obras do Bispo do Rosário? É um maluco internado num hospício que fazia uns mandalas esquisitíssimos,

que não querem dizer absolutamente nada, só servem para você ficar tão louco quanto ele. É uma esquisitice de gênio, que só vai lhe interessar realmente por pedantismo.

Vocês todos foram criados nessa atmosfera, então é natural a dificuldade de acesso, é natural que ainda sintam toda a literatura de língua portuguesa como uma espécie de universo estranho que é difícil de ser conquistado. E não foram vocês que perderam isso, foi o país inteiro. Então na presente geração só existe um grupo de pessoas que é capaz de reconquistar isso e repassar à geração seguinte: são vocês, e vocês estão com dificuldade. Se nós não fizermos isso, ninguém vai fazer. E dentro de dez ou quinze anos, eu digo que toda a literatura de língua portuguesa terá se tornado incompreensível para sempre. E junto com ela se perde o senso histórico, se perde o senso das proporções, se perde o senso dos valores universais e assim por diante.

E se não fosse isso, não seria possível acontecer no Brasil propostas como essa da PL 122 ou casamento gay etc.; simplesmente não seria possível. A diferença de tratamento que essas questões têm nos EUA e no Brasil é uma monstruosidade. No Brasil essas coisas entram e se impõem com uma facilidade imensa. As idéias mais esquisitas e disformes do mundo de repente se impõem no Brasil como se fossem valores absolutos, indiscutíveis, e quem quer que levante uma palavra quanto aquilo é um anormal. Isso evidentemente não acontece aqui. Quem no Brasil se opõe ao casamento gay ou a PL 122? Praticamente só pastores protestantes. Na esfera letrada cultural, ninguém, simplesmente ninguém. O sujeito não ousa dizer [0:50] uma palavra contra isso numa universidade brasileira. Ao passo que aqui não, pois há um oceano de gente de altíssima qualidade que está discutindo esses assuntos e os analisando — é uma situação completamente diferente. Os brasileiros se tornaram um bando de caipiras que são enganados com duas palavras e que aceitam qualquer coisa. E isto tende a se agravar formidavelmente.

A missão de resgatar a tradição cultural e emendá-la com a geração seguinte cabe inteiramente a nós; não há mais ninguém que possa fazer isto, porque o elo de união sou eu, *c'est moi*, pois tenho na minha cabeça todo o legado anterior. A primeira coisa que eu fiz na minha vida foi ler tudo o que eu podia da literatura portuguesa e brasileira e tentar absorver o melhor da língua portuguesa, para poder usar, inclusive, nos meus próprios escritos. Mas eu fui o último que fez isso, os outros todos já morreram. E o pessoal que está ensinando hoje e que está escrevendo não sabe escrever, não sabe o que é literatura, não sabe absolutamente nada.

Alguns até sabem. Eu vou lhe dar um exemplo, eu vou até citar o nome: o Martim Vasques que é a da revista *Dicta & Contradicta*. É um sujeito que tem uma leitura formidável: ele leu uma multidão de autores, só que praticamente todos eles são americanos. Então ele escreve com sintaxe inglesa e não sabe que é inglesa. Ele não sabe que não está escrevendo em português, porque não absorveu a tradição da língua portuguesa. Resultado: é um homem de muito talento e de muita cultura que escreve horrivelmente mal, mas não sabe que escreve mal. Assim como ele há muitos outros. Podemos considerar que o Martim Vasques é uma vítima disso, e ele não tem consciência do problema.

No entanto, eu conservei tudo da geração anterior. Durante algum tempo da minha vida, eu só tinha amigos que eram ou trinta anos mais velhos ou trinta anos mais novos, e isso só mudou quando eu conheci o Bruno Tolentino e o José Mário Pereira, que eram mais ou menos da mesma geração. Mas a geração dos mais velhos era a dos últimos grandes escritores que sobraram no Brasil: era o Josué Montello, o Herberto Salles, o Paulo Mercadante. Estes ainda personificavam a tradição da língua portuguesa, mas eles não puderam passar isso para ninguém. Se eu der um livro do Paulo Mercadante para as pessoas lerem, elas sofrerão que nem cães para ler.

As pessoas perguntam: como é que nós começamos? Eu respondo que vocês não podem começar: há coisas que vocês não podem começar, há coisas que vocês têm de pegar o bonde andando. É

como querer aprender a nadar num lugar que não tem água. Se não tiver uma água — um oceano, um rio, uma piscina — você não aprenderá a nadar. E então alguém pergunta: como é que eu faço um rio? Como é que eu produzo água? A resposta é que não dá para produzir água, você tem de encontrar água em algum lugar. Então é o seguinte: quem vai começar não são vocês, quem vai começar sou eu. Eu tomei esta decisão.

Eu vou começar a passar para vocês essa tradição literária ensinando-os a ler. E é um modo de ensinar a ler que vocês não verão em parte alguma, porque as universidades estão cheias de pessoas que analisam textos, conhecem teoria literária etc. Porém, eles conhecem teoria literária, mas não conhecem literatura, meu Deus do céu! Em um curso de Letras você ouvirá várias teorias explicadas por pessoas que são incapazes de entender um único texto literário — é algo fantástico. E vemos isso pela maneira como elas escrevem mal. Por exemplo, vocês já tentaram ler o Luiz Costa Lima? É uma coisa horrorosa. Vocês tentaram ler o Antonio Houaiss? Do Antonio Houaiss, o Millôr Fernandes, que é um sujeito que ainda personificava a tradição, dizia: “O Houaiss conhece todas as palavras do idioma, só não sabe juntá-las”. E isso é a definição do Antonio Houaiss, é a coisa mais exata que alguém já disse.

E Antonio Houaiss é um dos responsáveis pela reforma ortográfica que agora foi oficializada por um presidente analfabeto. Vejam que coisa! Somente no Brasil pode acontecer isto: um sujeito analfabeto promulga uma reforma ortográfica. Reforma que eu não aceito de jeito nenhum; vou ignorar esta nova ortografia porque ela é indecente, é imoral, estúpida. Vou continuar escrevendo na antiga e sugiro que vocês todos façam isto como protesto: ignorem a nova ortografia.

Como é que se ensina uma pessoa a ler literatura? É explicando os gêneros literários, a estrutura dos textos? Não é nada disso! Isso tudo é uma reflexão que é feita depois que você tem uma vasta experiência literária. Primeiro você deve ter um mundo de riqueza literária na sua cabeça, e então você poderá refletir sobre isso. Mas primeiro é preciso adquirir o material. E a aquisição do material é experiência direta da leitura. Porém, se você nasceu num lugar onde há a tradição das *nursery rhymes*, você já está cheio de rimas na cabeça quando vai ler Shakespeare, William Butler Yeats ou Dylan Thomas. Quer dizer, você já tem o ouvido para a literatura. Então você vai simplesmente acrescentar ali um material mais complexo, um material mais sofisticado, mas que no fim das contas não é tão diferente do que você já sabe. E quando você tem todas essas rimas já na cabeça, você tem maneiras de expressar o quê? Os sentimentos do autor que você está lendo? Não, os seus próprios sentimentos. Então esta é a primeira coisa.

Vou ler aqui alguns poemas e não quero que vocês os analisem, não quero que vocês os estudem, eu quero que vocês os decorem. A sua memória dos poemas não precisa ser tão exata, não precisa ser como o Bruno Tolentino que sabia literaturas inteiras de cor. Se puder fazer isso, melhor. Antigamente tinha muita gente que era assim; decorar muitos poemas era uma prática normal porque isso faz parte da absorção dos modos de expressão. Isso era coisa bem comum na Europa, mesmo para um sujeito sem nenhum objetivo literário na vida — como Adolf Hitler, que sabia trechos inteiros de Schopenhauer e Nietzsche de cor. O nosso Getúlio Vargas sabia trechos de Nietzsche de cor; o Roberto Campos sabia metade da *Divina Comédia* de cor; e assim por diante. E quando chegamos no topo da hierarquia literária, com o Bruno Tolentino por exemplo, falávamos de qualquer poeta em qualquer língua e ele sabia uns cinco ou seis poemas do sujeito de cor, era algo impressionante. Se falávamos de um poeta polonês ou um poeta russo, ele os recitava. O Bruno não falava russo, não chegou a aprender o idioma, mas ele sabia poemas russos de cor. O grande filólogo húngaro Paulo Rónai, quando soube que ia ter de mudar para o Brasil, começou a aprender português. Como é que ele aprendeu português? Decorando poesias portuguesas e brasileiras primeiramente e, muito depois, começou a tentar traduzi-las.

Você tem de ouvir o poema como se você mesmo o estivesse escrevendo, como se fosse a sua própria fala. Você vai decorar diferentes poemas. Nós começaremos com a poesia lírica. O que é a poesia lírica? É a expressão de um momento, um sentimento de um momento. Nunca é uma idéia filosófica, isto é, o sujeito que expressou uma idéia aqui pode expressar outra completamente antagônica num outro momento. Você não pode de maneira alguma interpretar os poemas como se fossem teses filosóficas, que são sentenças que pretendem ter validade universal. A poesia lírica jamais pretende ter validade universal, ela expressa o que o poeta está vendo, sentindo ou experimentando naquele momento. Por exemplo, uma poesia de Giosuè [01:00] Carducci que é de louvor a Satanás. Isto quer dizer que ele fosse um satanista? Não, quer dizer que naquele momento ele estava sintonizado naquilo, num outro momento poderia até ter sentimentos cristãos. Esses sentimentos e experiências expressos na poesia lírica são deslocáveis, eles podem ser usados por várias pessoas, em vários momentos, para expressar o que elas estão sentindo naquele momento. Então os poemas têm de ser absorvidos para se tornarem linguagem sua, e é por isso que têm de ser decorados.

E você tem de decorá-los e declamá-los em voz alta para outras pessoas, para os próprios alunos do curso. Organizem-se em grupos para fazer isso. Seria uma atividade paralela ao curso, mas sem a qual nós não vamos obter os resultados desejados. E ao ler essas poesias e ao declamá-las de memória, você vai tentar expressá-las com o máximo de força que a língua portuguesa admite, quer dizer, você vai declarar aquilo como se você mesmo estivesse sentindo aquilo. E você estará, porque o conjunto das poesias líricas é o conjunto dos sentimentos possíveis da humanidade. Eu acho que até já ultrapassou, isto é, a poesia lírica já registrou tantos estados interiores que já entrou até na repetição. Praticamente você não acha um sentimento novo que não tenha sido registrado desde o tempo de Píndaro até hoje. É difícil encontrar. Todos os sentimentos, todos os estados que você pode querer expressar já foram expressos de alguma maneira, se não na sua língua, ao menos em outras línguas.

A leitura de poemas em língua estrangeira também serve para isto, com a condição de que você consiga sentir que é você que está falando naquela língua e não o autor. Aqui eu vou ler, por exemplo, Camões: se eu vou ler Camões para conhecer a poesia de Camões, então eu sou um historiador, um estudioso de literatura ou um crítico literário, mas não sou um leitor. O leitor quer que o poeta fale pela sua boca, que ele expresse o que você está sentindo ou o que você pode sentir num outro momento.

As poesias que eu vou ler para vocês expressam sentimentos muito diferentes entre si, porém sentimentos que todos já tivemos em algum momento. Eu vou começar com dois sonetos de Manuel Maria Barbosa du Bocage, um dos grandes sonetistas do universo. Ele os escreveu num instante de profundo arrependimento, quando achava que toda a sua vida tinha sido uma porcaria, tinha sido jogada fora. Quem já não sentiu isso? Até pessoas com doze anos já sentiram. “Eu sou um fracasso, tudo o que fiz foi errado e só me resta morrer”. Então vocês aprenderão a dizer isto com as linhas que Bocage escreveu e dirão com toda a força e toda a convicção. Isto é tudo que é para fazer; não é para analisar, não é para estudar o poema. É aprender a dizer as coisas com os instrumentos que ele está nos dando para isto.

Às vezes existe alguma dificuldade de vocabulário, quer dizer, alguma palavra que você não conhece. Então você vai rapidamente no dicionário, aprende aquela palavra ou pergunta para alguém, e passa adiante. Mas você vai adquirir essa palavra só para terminar de ler o poema, só para isto. O segundo poema que eu vou ler ele menciona Aretino, que é um escritor licencioso, um escritor italiano, um satírico indecente do tempo da Renascença — é isto que ele está mencionando. Eu acho que é a única menção que deve ser completada aqui para entender esse poema.

Eu vou ler aqui, são os dois últimos sonetos de Bocage:

*Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava.
Ah! Cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana.*

*De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe a Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem dana.*

*Prazeres, sócios meus e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abismo vos sumiu dos desenganos.*

*Deos, oh Deos!... Quando a morte a luz me roube,
Ganhe num momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.*

Eu acho que não há ninguém que não tenha sentido isso em algum momento. O que Bocage está falando? Ele está nos ensinando a dizer isso. Vamos ler de novo, e depois vamos ler de novo, e de novo, e de novo, e de novo até isso entrar na sua cabeça. E vocês farão isso com muitos poemas.

No começo, por favor, façam só com os que eu indicar, porque eu vou indicar só aqueles que não têm grandes problemas filológicos para se resolver. Porque os problemas filológicos — por exemplo, um vocabulário muito estranho de outra época, de outro lugar — podem atrapalhar o que é a verdadeira experiência literária. Então é bom que, quando há esses problemas, alguém os resolva de antemão para você e lhe entregue a coisa mastigada, em vez de você mesmo ter de pesquisar.

Eu vou dar continuamente essas indicações a vocês. No começo são muitos poemas ou trechos curtos, não são livros inteiros, mas eu realmente quero que vocês absorvam isso. Decorem, se possível, e leiam uns para os outros; mas leiam a coisa com paixão, expressem o seu sentimento. Aqui é o sujeito que olha a sua vida de paixões e de pecados e vê que a jogou fora, que perdeu o seu tempo. Quantas vezes eu não senti isso? Então quem está falando isso para vocês não é o Bocage, sou eu. E vocês mesmos podem dizer a mesma coisa, mesmo os mais novos podem já ter tido essa experiência. Se não tiveram, se nunca sentiram isso, esqueça e passe para outro poema. Mas eu acho que todo mundo já teve.

*Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava.
Ah! Cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana.*

*De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe a Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem dana.*

*Prazeres, sócios meus e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abismo vos sumiu dos desenganos.*

*Deos, oh Deos!... Quando a morte a luz me roube,
Ganhe num momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.*

Tudo o que foi nesta vida foi perdido, absolutamente tudo. Então o que resta? A esperança de outra vida.

Segundo poema desta mesma série. Eu acho que este foi o último que Bocage escreveu:

*Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura.*

*Conheço agora já quão vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento.
Musa! . . . Tivera algum merecimento,
Se um raio de razão seguisse, pura!*

*Eu me arrependo; a língua quase fria [01:10]
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:*

*"Outro aretino fui... A santidade
Manchei... Oh!, se me creste, gente ímpia,
Rasga meus versos, crê na Eternidade!"*

É a confissão de um moribundo. Você não precisa estar moribundo para sentir isso. Quer dizer, o sujeito se arrepende de tudo o que ele escreveu: “iludi um monte de gente, a mocidade toda ouvia aquilo, ficava inflamada, me seguia e acreditava em mim, e eu os levei todos para o buraco”. Você não precisa ter feito nada disso para ter o mesmo sentimento, você pode ter vivido isso em imaginação.

Então leiam o poema como se fosse o seu próprio sentimento, senão não funciona. Se você ler com curiosidade filológica ou histórica — “ah, eu quero conhecer aqui a poesia do século XVIII” —, já entrou completamente errado, meu Deus do céu! Tudo o que está escrito em poesia lírica foi a experiência, a vivência, o sentimento de um momento que alguém fixou, de modo que isso possa ser pego por outras pessoas e utilizado como instrumento da sua própria expressão.

Eu vou ler aqui um outro. Camões, Soneto 57:

*Oh! Como se me alonga de ano em ano
A peregrinação cansada minha!
Como se encurta e como ao fim caminha
Este meu breve e vão discurso humano!*

*Vai-se gastando a idade e cresce o dano;
Perde-se-me um remédio que inda tinha;
Se por experiência se adivinha,
Qualquer grande esperança é grande engano.*

*Corro após este bem que não se alcança;
No meio do caminho me falece;
Mil vezes caio e perco a confiança.*

*Quando ele foge, eu tardo; e, na tardança,
Se os olhos ergo, a ver se inda parece,
Da vista se me perde e da esperança.*

É a mesma coisa. É a vaidade das esperanças humanas. Eu vou ler novamente:

*Oh! Como se me alonga de ano em ano
A peregrinação cansada minha!
Como se encurta e como ao fim caminha
Este meu breve e vão discurso humano!*

*Vai-se gastando a idade e cresce o dano;
Perde-se-me um remédio que inda tinha;
Se por experiência se adivinha,
Qualquer grande esperança é grande engano.*

*Corro após este bem que não se alcança;
No meio do caminho me falece;
Mil vezes caio e perco a confiança.*

*Quando ele foge, eu tardo; e, na tardança,
Se os olhos ergo, a ver se inda parece,
Da vista se me perde e da esperança.*

Ainda é a mesma experiência do outro soneto: as esperanças como miragens.

Não vamos analisar absolutamente nada. Apenas eu peço que leiam isso mil vezes e decorem. A sua cultura literária não vai ser feita do número de livros que você leu, mas do número de expressões, de formas de expressão que se conservaram na sua memória, ou seja, que se transformam em instrumentos para a sua expressão. Essas frases que você pegou aqui, se você as decorar, guardar no fundo de você e usá-las para se expressar, você verá que elas se proliferam, elas criam outros modos de dizer. Isso não falha. Se você decorar uns cem poemas desses, mesmo que depois eles desapareçam da sua memória — quer dizer, mesmo que não consiga recitá-lo, e que para voltar a recitar você tem de ler, tem de ter o texto na mão —, você verá que essas frases criam outras frases, e outras, e outras.

Quanto mais você tiver lido e decorado, sempre com a consciência de que são os seus sentimentos que você está expressando, o que acontecerá é que você, primeiro aprendendo a expressar os seus sentimentos com as palavras que outro escreveu, logo começará a aparecer as suas próprias palavras através da combinação que você vai fazendo dos elementos colhidos na tradição. Todo escritor aprendeu a escrever assim, não existe nenhuma outra maneira.

Eu vou pegar um poeta mais recente, Alphonsus de Guimaraens Filho, um dos grandes poetas do Brasil. O pai dele já era um grande poeta e ele também. O poema chama-se “Coágulo”:

*De repente direi tudo.
Mas com tanta veemência
e com tamanha aspereza
de expressão e sofrimento,
que terás minha demência
no coágulo sangrento
desabado sobre a mesa.*

*E sairei pelas ruas
sem saber em que cidade
estive, estou, estarei.
Triste alegre puro impuro*

*vejo a morte em cada muro
a morte na campainha
ressoando do outro lado.
E estertorando direi
que vejo sangue pisado
nessas ervas pés e mãos
nesses gestos nesses risos
que vejo sangue pisado
até na face do Rei!*

*De repente, num soluço,
direi tudo quanto existe;
não serei nem bom nem triste.
Serei apenas um grito
doloroso rebentado
na convulsão de um momento.
E o mundo penoso aflito
restará desesperado
num coágulo sangrento.*

Vejam a força, o desejo de expressão impotente na verdade. Ele quer falar e ele sabe que ele não pode, que tudo que disser será apenas um coágulo sangrento desabado sobre a mesa. Vou ler de novo:

*De repente direi tudo.
Mas com tanta veemência
e com tamanha aspereza
de expressão e sofrimento,
que terás minha demência
no coágulo sangrento
desabado sobre a mesa.*

*E sairei pelas ruas
sem saber em que cidade
estive, estou, estarei.
Triste alegre puro impuro
vejo a morte em cada muro
a morte na campainha
ressoando do outro lado.
E estertorando direi
que vejo sangue pisado
nessas ervas pés e mãos
nesses gestos nesses risos
que vejo sangue pisado
até na face do Rei!*

*De repente, num soluço,
direi tudo quanto existe;
não serei nem bom nem triste.
Serei apenas um grito
doloroso rebentado
na convulsão de um momento.
E o mundo penoso aflito
restará desesperado
num coágulo sangrento.*

Isso é uma coisa absolutamente extraordinária!

Agora uma emoção completamente diferente. Vocês viram o sentimento do Bocage perante a morte, de arrependimento, de vacuidade de toda a experiência humana e só restando no fim a esperança de outra vida. E nós vamos ler aqui dois sonetos que também são escritos como que na hora da morte, mas com uma morte vivenciada de uma maneira completamente diversa, com outros sentimentos — que também são possíveis, que todos nós também podemos ter. Chama-se “Sonetos Gêmeos”, de Augusto Meyer, o poeta gaúcho. O Augusto Meyer foi muito mais conhecido como crítico e homem erudito, mas também é um grande poeta:

*Gota de luz no cálice de agosto,
Sabe a lúcida calma o desengano.
Em vão devora o tempo o mês e o ano;
Vindima é a vida, vinho me é o sol-posto.*

*Cobre-se o vale de um rubor humano.
Um beijo solto voa no ar, um gosto
De uva madura, um aroma de mosto
Desce da rubra luz do céu serrano.*

*Vem, noite grave. E assim chegasse o outono
Meu, tão sutil e manso como agora
Mesmo subiu a sombra serra acima...*

*Tudo se apague e a hora esqueça a hora,
Que só do sonho eu vivo, e grato é o sono
A quem provou seu dia de vindima.*

Uma vida plena, total satisfação. “Eu posso morrer porque eu já tive tudo”. Quem também já não sentiu isso? Quando você tem um momento de felicidade extrema, diz “eu posso morrer agora, não sentiria falta de nada”. [01:20] Eu vou ler o segundo Soneto Gêmeo e depois eu leio os dois de novo:

*A quem provou seu dia de vindima,
Voltado ao outro lado, ao eco, ao nada,
Grata é a sombra mais longa e o fim da estrada
Começo de um descer, que é mais acima.*

*Grave, de uma tristeza inconsolada
Mas fiel, a minha sombra é a minha rima.
Princípio de um além que se aproxima
É o fim, talvez limiar de outra morada.*

*Gosto amargo e tão doce de ter sido
Poroso a tudo, alma aberta às auroras
Que hão de nascer, e ao lembrado e esquecido!*

*Saudade! mas saudade em que não choras
Senão cantando, o próprio mal vivido...
Que as horas voltem sempre, as mesmas horas!*

Preciso ler de novo este aqui? Acho que não. Já pegaram? Eu trouxe aqui também alguns em língua estrangeira, mas não sei se vão funcionar. Eu sugiro que vocês se atenham inicialmente à língua portuguesa.

Nós temos aqui um poema mais longo que são os versos finais da tragédia de Antônio Ferreira, um dos grandes, dos máximos poetas da língua portuguesa, que é a *Tragédia Castro*, que é a história da Inês de Castro. É como se deu o fim da peça, então se vocês não souberem como começou, vocês não entenderão nada. O personagem que diz esta fala aqui é um príncipe, o infante D. Pedro que tinha uma noiva prometida, Inês de Castro, mas em função de uma série de conflitos dinásticos e estatais, o rei, pai do príncipe D. Pedro, condena a Inês de Castro à morte. Não há nenhuma malignidade. De acordo com a regra da tragédia, nenhum dos personagens pode ser mal intencionado; na tragédia todos agem de acordo com a sua mais elevada consciência e fazendo isso tudo dá errado — senão não seria uma tragédia, seria apenas um erro humano. A palavra “tragédia” quer dizer “o canto do bode” em grego, e o bode é o Satanás, o diabo. Se todos agiram da melhor maneira possível e tudo deu errado, é porque houve um fator demoníaco que conduz a coisa para além do controle humano.

Então, quando D. Pedro, filho do rei, fica sabendo que a noiva dele foi morta, ele tem uma explosão de ódio vingativo, que é uma coisa de uma força incrível. Eu vou ler só um pedaço porque a coisa é muito longa. Mas vale a pena ler a tragédia inteira.

*Que direi? que farei? que clamarei?
 O' fortuna! ó crueza! ó mal tamanho!
 O' minha Dona Inês, ó alma minha,
 Morta m'es tu? Morte houve tam ousada
 Que contra ti podesse? ouço-o, e vivo?
 Eu vivo, e tu és morta? ó morte crua!
 Morte cega, mataste minha vida,
 E não me vejo morto? Abra-se a terra.
 Sorva-me num momento: rompa-s'alma,
 Aparta-se de um corpo tam pesado,
 Que ma detém por força.
 Ah minha Dona Inês, ah, ah minh'alma!
 Amor meu, meu desejo, meu cuidado,
 Minh'esperança só, minh'alegria.
 Mataram-te? mataram-te? tua alma
 Inocente, fermosa, humilde, e santa
 Deixou já seu lugar? ah, de teu sangue
 S'encheram as espadas? de teu sangue?
 Que espadas tam crueis, que crueis mãos?
 Ah como se moveram contra ti?
 Como tiveram forças, como fios
 Aqueles duros ferros contra ti?
 Como tal consentiste, Rei cruel?
 Imigo meu, não pai, imigo meu!
 Porque assi me mataste? ó Liões bravos!
 O' Tigres! ó serpentes! que tal sêde
 Tinheis deste meu sangue! por que causa
 Vos não vinheis em mim fartar vossa ira?
 Matáreis-me, e vivera. Homens crueis,
 Porque não me matastes? meus imigos,
 Se mal vos merecia, em mim vigáreis
 Esse mal todo. Aquela ovelha mansa
 Inocente, fermosa, simples, casta.
 Que mal vos merecia? mas quisestes
 Como imigos crueis buscar-me a morte
 Não da vida, mas d'alma. O' Céus, que vistes
 Tamanha crueldade, como logo
 Não cahistes? O' montes de Coimbra,*

*Como não sovertestes tais Ministros?
Como não treme a terra, e s'abre tôda?
Como sustenta em si tam grã crueza?*

Raramente a língua portuguesa alcançou esta força de expressão da inconformidade, do ódio justo.

Nós colocamos os textos desses poemas no site do Seminário. Comecem decorando estes. Eu vou continuamente dar novos e novos poemas, escolhidos precisamente entre aqueles nos quais a língua alcançou um poder expressivo muito grande. Quando ler e decorar tais poemas, lembre-se que você não está lendo Antonio Ferreira ou Bocage; *você é que está falando aquilo*. Sem isso, não tem cultura literária nenhuma. Mesmo que você estude estruturalismo, desconstrucionismo, nova crítica etc., você nunca saberá o que é literatura. Literatura é falar, e falar o que você acha que tem de falar.

Vamos fazer uma pausa aqui. [intervalo]

Como é tarde, eu responderei poucas perguntas.

Aluno: Comigo ocorre um outro problema com a literatura em português, sobretudo com a literatura brasileira. Os assuntos nela tratados não chamam muito a minha atenção. Salvo poucos escritores como Machado de Assis, Camões e Antonio Vieira, prefiro os temas tratados por autores estrangeiros. (...) No caso desses dois primeiros, foram traduzidos por Carlos Alberto Nunes que dominava a língua portuguesa. O que o senhor diria das obras vertidas para o português na sua melhor forma?

Olavo: Esse é um problema completamente diferente. A não ser que a tradução seja em si mesma de altíssimo valor literário, ela não funciona para esses fins. É claro que qualquer literatura nacional que você compare com literatura do restante da humanidade vai sair perdendo. O que você prefere, literatura brasileira ou estrangeira? Estrangeira ganha de 1000%, evidentemente. Na verdade, o que eu estou sugerindo é a concentração não só num pequeno número de autores, mas num pequeno número de obras. O importante não é ler tudo ou ler muito, mas conhecer bem alguns textos fundamentais. E conhecer bem significa que você incorporou aquilo, que aquilo se tornou um instrumento para você, se tornou uma maneira sua de dizer as coisas. E é por isso mesmo que eu estou pedindo que decorem. As traduções para esta finalidade que eu estou falando aqui não servem, servem para outra que mais tarde veremos.

Uma aluna pede aqui uma sugestão, pois ela está estudando ao mesmo tempo as técnicas do Stanislavski no teatro e articulando-as com o Viktor Frankl, a Logoterapia. Eu acho que é uma grande idéia, excelente idéia. Infelizmente a sua mensagem está muito comprida para comentá-la hoje, [01:30] mas em princípio você descobriu um bom caminho, vá em frente.

Aluno: Além da literatura, a grande arquitetura tem me ajudado bastante. Como no Brasil as construções são muito feias, eu busquei pela internet e achei uma dica valiosa. (...)

Olavo: Aqui ele dá o endereço. Coloque isto no Fórum para ficar à disposição de todo mundo. Aqui o endereço é muito comprido.

Aluno: (...) Existe um curso sobre arquitetura romana no qual a professora mostra centenas e centenas de fotos de construções romanas clássicas. Isso é uma maravilha.

Olavo: Claro que isso é muito bom. A absorção dessa beleza arquitetônica é fundamental. E com relação à paisagem visual brasileira, eu já pensei inclusive em fazer um site. Mais tarde eu vou oferecer este plano a vocês. Um site com o título “Destruição do Brasil”, ou coisa assim, onde nós

começaremos por documentar a destruição da paisagem visual, a destruição do cenário visual. Peguem fotos da cidade de São Paulo dos anos 40 e 50 e comparem com o que é agora, é uma coisa assim indescritível.

No entanto, para os fins desta aula aqui, tudo o que nós falamos na primeira parte se refere a um fenômeno que é o seguinte: não existe absorção da literatura sem um prévio ambiente sonoro que seja favorável a isto, quer dizer, o que você ouviu enquanto ia crescendo. No Brasil, o ambiente sonoro é 100% determinado pela televisão, por tudo o que não presta: é o programa do Faustão, é o Jornal Nacional etc. O ambiente sonoro é terrível. E se nós não criarmos outro, não haverá absorção em profundidade da literatura. O que eu decidi é o seguinte: com essas leituras e com a proposta dessas leituras, eu mesmo criarei esse ambiente sonoro.

Eu posso garantir o seguinte: desde pequeno, no instante em que decidi que eu ia me tornar uma pessoa de cultura, eu fui preenchendo a minha cabeça com tantos sons literários e musicais, que eles estão sempre na minha cabeça e eu não deixo entrar outra coisa. Claro, às vezes tem alguns produtos populares que nós deixamos entrar porque são engraçados, mas se for coisa estúpida, não deixe entrar. Então você tem de ocupar o espaço e decorar esses poemas, assim como decorar música. Há um tempo, lá em São Paulo, eu fiz os meus alunos decorarem a 5ª Sinfonia de Beethoven até conseguirem assobiá-la inteirinha.

Com relação à música a mesmíssima coisa. É importante decorar aquilo de tal maneira que se torne parte do seu ambiente sonoro interior, que você carrega onde vai. Se você não tiver o espaço preenchido com essas coisas, então vai entrar bobagem. Você tem de selecionar o que vai se incorporar na sua imaginação. Claro que ouvir apenas uma vez ou ler o livro apenas uma vez não adianta, você tem de realmente incorporar, adquirir estas inúmeras formas. E você verá que com o tempo escreverá muito melhor, sem ter treinado nem nada, só por fazer isso. Quantas vezes você deve ler cada um desses poemas? Qual tal cem vezes? Leia cem vezes cem poemas, e você terá adquirido uma cultura literária enorme, muito maior do que você pode adquirir em cinco anos de estudos universitários.

Aluno: O que os pais devem dar para as suas crianças lerem?

Olavo: Aí começamos pelo problema do ambiente sonoro. O Luis Farias me trouxe um estudo que mostra que as crianças aprendem melhor quando elas se acostumaram desde pequeninhas com um número muito grande de fonemas. Então é importante falar com os bebês, coisas que eles não vão entender absolutamente. Não se trata de entender, trata-se de aumentar o estoque de fonemas. Então você pode ler qualquer coisa para os seus bebês, você pode ler o relatório do Banco do Brasil, por exemplo. Não tem importância, qualquer coisa. O que interessa é a quantidade de fonemas em língua nacional e estrangeira, o máximo que puder. Isso desde que é pequenininho. Está aqui o Jimmy, já podem começar a ler Shakespeare para ele. Mais tarde ele vai entender Shakespeare muito melhor.

Quando as crianças começarem a ler, por favor, não dê para elas lerem o que no Brasil se chama literatura infantil. Não faça isso com as suas crianças. Porque literatura infantil é um negócio feito para imbecilizar a criança. Dê a *Bíblia* para o sujeitinho ler, dê direto os próprios clássicos da literatura, escolha aqueles que são mais fáceis. Por exemplo, Rudyard Kipling escreveu coisas maravilhosas! Então sempre grande literatura, sempre, desde pequeno.

E também coisas que atendam o interesse de conhecer não os textos, mas o mundo. Leibniz dizia que o sujeito que visse mais figurinhas se tornaria com o tempo a pessoa mais culta. Livros de figuras com paisagens, animais, lugares. Eu lembro que, quando pequeno, eu e meu irmão tínhamos

uma coleção de fotografias das grandes capitais européias, os edifícios mais interessantes. Nós ficávamos absolutamente fascinados com aquilo.

Não infantilize as suas crianças. Dê a elas material que você também consideraria interessante. Eu acho que esse é o critério.

Nós não podemos ir muito além porque está muito tarde. Hoje nós tivemos dificuldade para imprimir os poemas, aí a aula atrasou bastante. Então vamos parar por aqui.

Mas lembrem-se disto: vocês têm uma missão a cumprir, só vocês têm, mais ninguém tem. É o negócio do Viktor Frankl: qual é o sentido da vida? O sentido da vida é aquilo que só você pode fazer e ninguém pode fazer no seu lugar. Não há mais ninguém que esteja discutindo este problema da destruição do ambiente lingüístico nacional, do ambiente literário nacional, além de nós. Então a coisa vai sobrar para vocês. E aprender a escrever muitíssimo bem é fundamental. Nenhuma pessoa que não domina o idioma como instrumento de sua expressão pessoal jamais chegará a dominar um único problema filosófico. Isto é impossível.

Por exemplo, quando se começou a discutir o problema de publicar o Mário Ferreira dos Santos. Eu acho fantástico, fantástico, fantástico que ninguém tenha percebido que não há textos; aquilo não são textos para o sujeito comparar as várias edições e publicar. Não, aquilo são rascunhos orais que têm de ser redigidos. É impressionante como ninguém percebeu isso. E isso é o que o Mário Ferreira esperava. Mas como é que as pessoas não são capazes de perceber que não é porque a coisa está impressa em formato de livro que ela é um texto? Você vê professores universitários entrando na área, e ninguém percebe isso aí.

Temos um material oral ainda que precisa ser transposto. Então não é uma questão de fazer uma revisão do texto. Revisão uma pinóia!, aquilo tem de ser redigido. O fato de não perceberem isso, para mim, é um sintoma alarmante de burrice, de inconsciência. Se levarem um texto naquele estado para qualquer editor americano, ele mandará chamar um redator para dar um jeito naquilo.

Quando publicaram a *Filosofia Concreta*, estava lá o sr. Mauro Sá Martino se gabando de que haviam comparado as várias edições. O que é isso? Você comparou várias edições de um rascunho e acha que fez alguma coisa? Quer dizer, não fez o serviço na verdade, mas acha que fez porque não tem a medida da diferença. No Brasil, hoje, ninguém tem medida de nada, ninguém sabe do que está falando, isso aí virou um hospício. E sem restaurar o senso de continuidade da tradição literária, nada é possível; nada, nada, nada. Lembrem-se da frase do Hugo von Hofmannsthal: “Nada está na política de um país que primeiro não esteja na sua literatura”. E esta missão cabe a nós.

Então até a semana que vem, muito obrigado.

Transcrição: Jussara Reis

Revisão: Mariana Belmonte e Julio Belmonte